



MUNDIAL

N.º 23 — ANO I — 16 DE DEZEMBRO DE 1947

Em. Biscaria

Porque será que o João quando vem acompanhado chega sempre antes do espectáculo começar, e quando vem só, entra sempre com as luzes apagadas?

F. B. S. ©

• PROSADORES •

Os 300\$00 que Riso Mundial ofereceu para o melhor conto humorístico, estão a ser disputados por centenas de concorrentes.

Chegam-nos diariamente à redacção, de todos os recantos de Portugal, dezenas e dezenas de contos, dentro do regulamento exigido, que são provas evidentes de que os humoristas portugueses ainda existem.

A escolha vai ser difícil mas os 300\$00 serão atribuídos, sem PLANOS INCLINADOS, CAIXAS DE CHARUTOS, GARRAFAS DE VINHOS, PERÚS etc., etc.. Mas como o Natal nada tem que ver com o concurso... festas felizes...

...E SARAMAGO



Prima Izafas:

Juntamente com um pedido de quinhentos escudos aí vai a minha última fotografia montando no burro do meu tio e ostentando o magestoso chapéu que tão amavelmente me oferecete a quando dos meus anos. Não sei porquê mas cada vez que monto neste burro o meu pensamento foge para aí, para ti que, vives nessa cidade de mármore e de granito.

A senhora D. Filismina teve mais 7 rebentos. Com os 25 filhos que tinha, agora fica com 32. E' o récord da aldeia e dos arredores. O senhor regedor já abriu um concurso para as provas finais do jogo da pela mas os homens cá da aldeia andam preocupados com o tempo.

Por aqui, chove abundantemente.

Adivinho que estás a invejar o meu vestido novo. Foi prenda do Arturinho. Não achas que está um pouco cur-

to? O meu pai fez uma berberia enorme dizendo que em 58 anos de casado nunca viu a minha mãe em trajes tão menores! Vê-se mesmo que ele nunca foi a Lisboa onde não se olham a estas coisas.

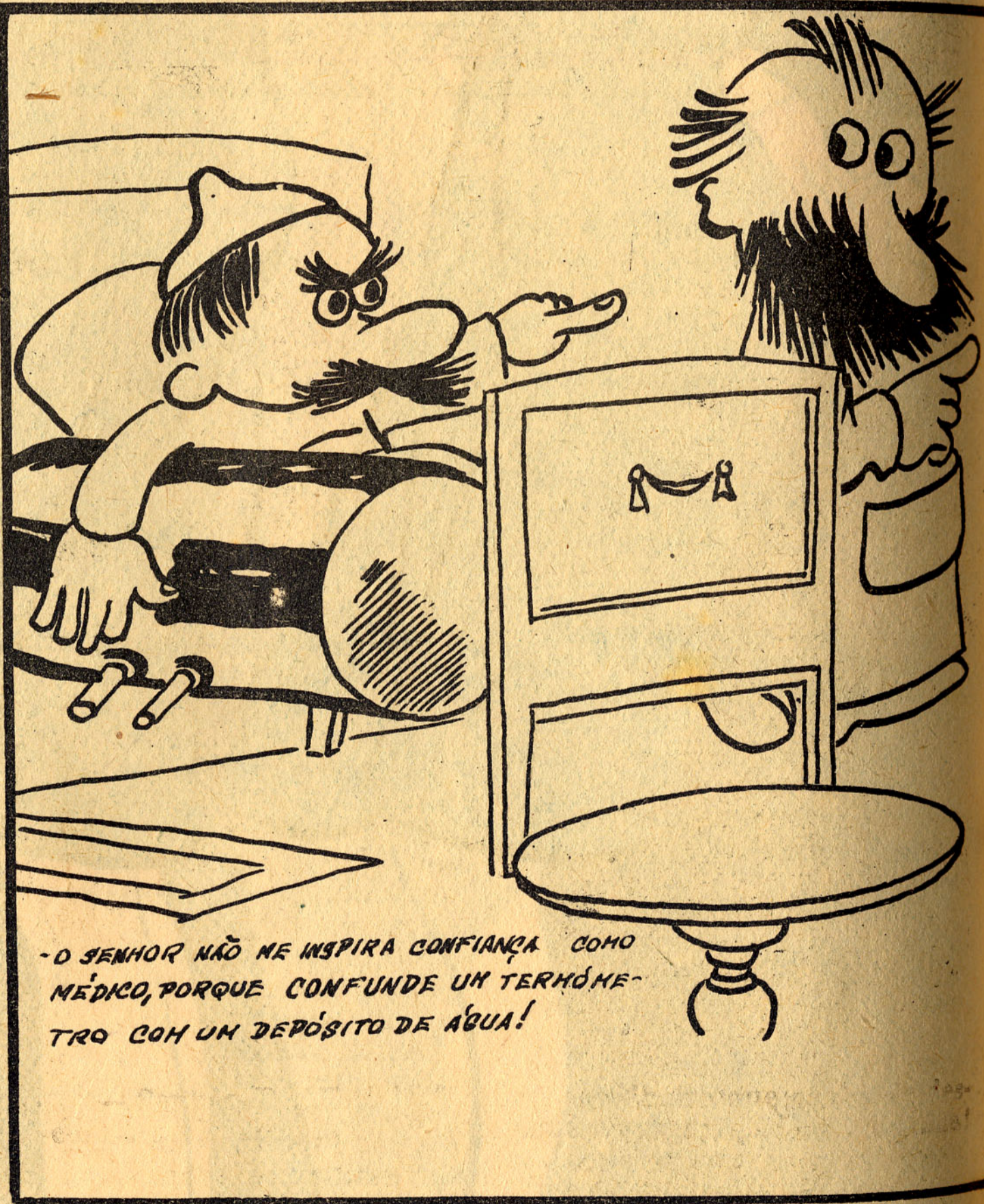
O Arturinho anda doidinho de todo. Dizem que nem come nem dorme a pensar em mim. Na repartição — ai como ele é distraído! — já quiz beijar o chefe! Vê lá o que ele traz naquela cabeça.

Quem me dera cá o Natal! O ano passado fui muito infeliz... em vez de me darem um presente levaram-me os sapatos!

Espero que venhas cá este ano e que me tragas umas meias de vidro. Com os vestidos assim curtos até dá gosto! E depois o Arturinho até terá medo de se chegar ao pé de mim não me vá quebrar pelas pernas!

Não te quero aberrecer mais. Cumprimentos da tua priminha

LIQUINHAS



-O SENHOR NÃO ME INSPIRA CONFIANÇA COMO MÉDICO, PORQUE CONFUNDE UM TERMÓMETRO COM UM DEPÓSITO DE ÁGUA!

• DOIDICES •

— Sou angariador de anúncios...
 — Muito prazer.
 — ...E vinha para...
 — Muito prazer.
 — ...para ver se os senhores me podiam...
 — Muito prazer.
 — ...autorizar a publicação...
 — Muito prazer.
 — ...dum anúncio da vossa casa...

— Muito prazer.
 — O anúncio de um quanto de página custará 500\$00...
 — Muito prazer.
 — ...Passarei já o contrato se não se importa...
 — Não, meu amigo não autorizo nenhum anúncio!
 — Então, boa tarde e muito prazer!

DON TARA



— Mas, se esta canoa é eléctrica para que necessita de vela?
— Para os dias sem luz!

Falei com a morte!

por ROUSSADO PINTO

Tudo era chuva e vento. A noite exaltadíssima, barafustava assustadoramente, vertendo uma série de injúrias contra os vidros da janela do meu quarto, que gemiam aterrados.

Recostado plácida e na almofada macia do meu leito, sorria — com o sorriso de quem se sente superior e vê o inimigo impossibilitado de o atingir.

Sentia-me protegido, como envolvido numa couraça que nada deixasse penetrar. E fazia-me forte — o que é apanágio dos fracos! — junto dum mal que não me podia chegar.

Correi os olhos e olhei para dentro. E quando já me sentia envolvido nas asas embaladoras do Deus Morfeu, as vidraças da janela açoitadas com rispidez, escancaram-se e absorveram chuva e vento que inundaram toda a sala, e trouxeram junto de mim o característico ruído dum noite tempestuosa.

Levantei-me aborrecido e vencendo a resistencia dos elementos, tentei aproximar-me das portas, mas...

Saindo de entre as nuvens escuras — massas negras a rolar na escuridão! — um vulto, envergando um pesado trajo branco e com uma foice na mão, dirigiu-se para mim, e entrou no quarto sem mais aquelas.

Paralizado, nem reagi. Estava na frente dum caveira, do espectro fantasmagórico da Morte!

— Desculpa vir incomodar-te! Esta coisa de andar pelas nuvens de foice na mão é bastante

maçador! Dás licença que me sente?

— Se faz favor! — consegui articular, indicando uma cadeira.

— Obrigado! Acabei de fazer servicinho ali à esquina, num carvoeiro mixordeiro!... Pois resolvi visitar-te para contar a minha história. Estás disposto a ouvi-la? Calcula, que era uma pacata empregada de escritório, e quando morri, — já lá vão 5 anos! — fui repousar na Tertulia dos Amigos dos Cangalheiros, e elegeram-me angariadora durante estes 800 anos mais próximos. Dão-me três foices de comissão e sou reformada com 5 tunicas brancas por ano! Mas para isto tenho de angariar duzentos clientes, caso contrário sou despedida e enviada para o Campo das Saloiantes. E hoje — por azar! — só arranjei 43 clientes. Importava-se você de me auxiliar nesta minha cruzada?

Sentindo os nervos fugirem, a razão desertar, os sentidos desmaiarem, balbuciei como qualquer menino de mama:

— Oh, minha senhora! Creia que lamento sinceramente não poder aceder a pedido tão gentil, mas estou impossibilitado pelos médicos!

E já a foice se levantava irada e quasi caía sobre o meu crâneo, quando surgiu um rato e poz-se a olhar estupefacto para tal espectáculo.

A Morte ao ver o simpático bicho, deu um gritinho e fugiu, fechando a janela de caminho: viu-se logo que era mulher!

— Mas que conto tão estúpido não acham leitores?

Memórias dum detective

4

E o expresso continuava a rolar. E eu dando voltas ao bestunto. E a velhota a ler, a meu lado, o «Die Leipzig Crûsh over Hunt spreitz deutsche und Hebnergrass».

Aquela palavra «sabotagem» não me saía da cabeça. Resolvi entrar, de novo, no assunto sem mais rodeios.

— O que me diz a senhora aos últimos casos de sabotagem?

A velhota desviou o jornal e, olhando-me com uma cara de pantera irritada, respondeu:

— E' pena que meu marido vá ali na outra carruagem senão ele lhe responderia, seu idiota! Deixe-me em paz com os sabões!

Tornei a pensar na triste vida dum detective. Mas, aquilo não havia de ficar por ali. A velha tinha, por força, de ser espia e certamente estava ao par do assunto.

Resolvi tentar, de novo.

— V. Ex.^a desculpe tanta maçada mas a sabotagem...

— Por S. Bernabé — rugiu a velha — que se torna a falar-me em sabotagens toco o sinal de alarme! Você é doido ou faz-se!?

Não me pude conter.

— Escusa de dissimular! Eu sei muito bem que a senhora é espia. Pode considerar-se presa em nome da lei!

A velhota levantou-se num repente e com uma berraria dos demónios começou a gritar «ò da guarda». O marido, que seguia na outra carrua-

gem (preceito da terra, viajar sempre cada um em seu compartimento) apareceu aflito.

Quando dei de caras com ele, com o seu nariz de pelicano e a sua boca donde saíam biliões de perdigotos, enguli 7 vezes em seco. Era o meu Inspector!

Olhem se eu não levava as barbas postiças!

Apenas recordei que me apiei na primeira estação. E o que é mais curioso é que não havia ali nenhuma estação. Mas eu apiei-me à mesma.

Calculem o que seria se o meu Inspector me conhecesse?

Eu, que fora enviado especialmente para descobrir os últimos casos de sabotagem começava por prender a mulher do Inspector! Bonito, sim senhor.

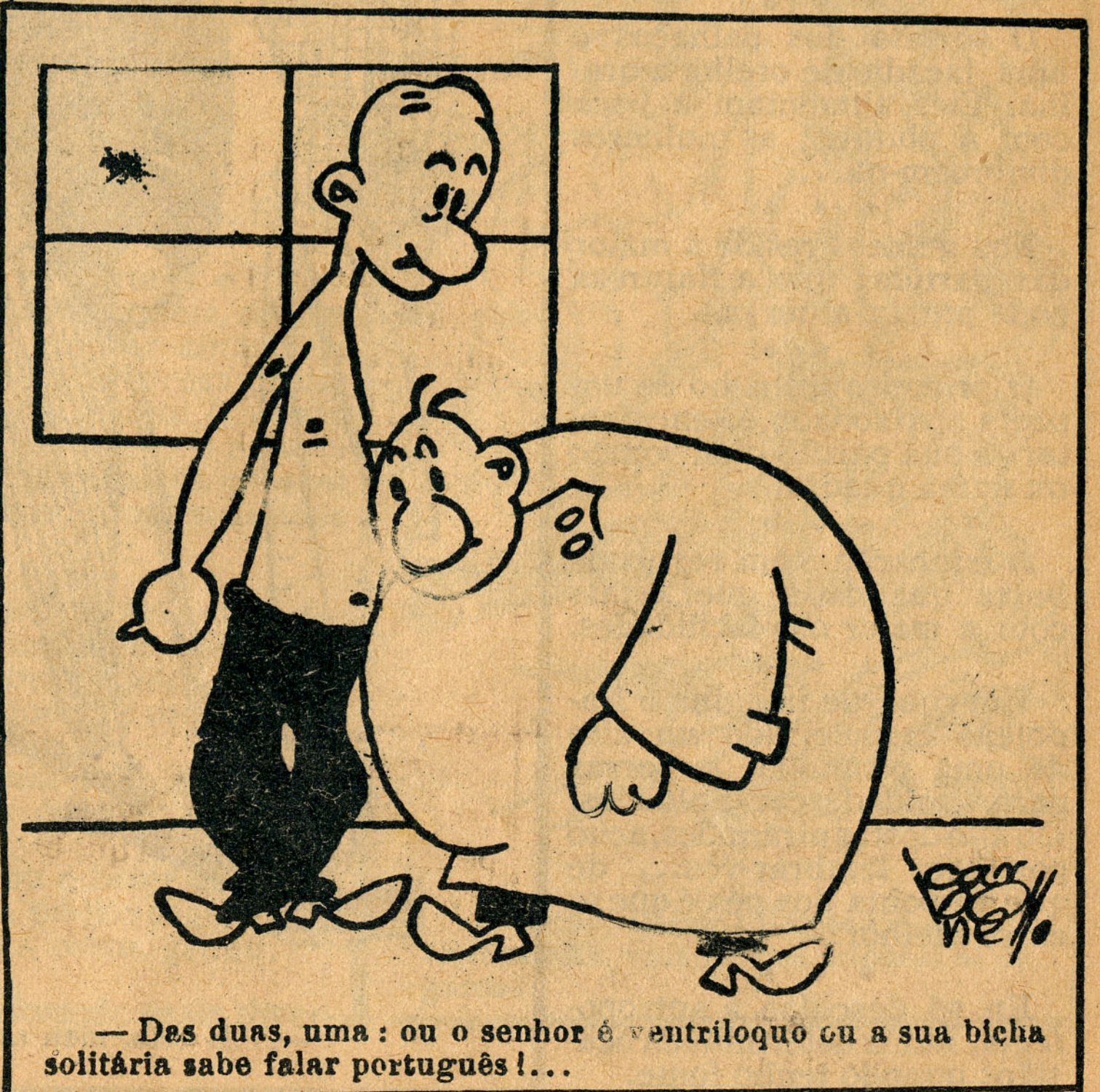
Apalpei os ossos a ver se estavam no mesmo sítio e às apalpadelas procurei a estrada. Estava escuro como breu.

Depois pus-me a pensar que, realmente, é só nos filmes que o rapaz, ao primeiro encontro, dá logo com o bandido. Na realidade é preciso correr seca e meca, é preciso saltar do combóio em andamento e levar meia dúzia de chumbos pelo corpo afim de descobrir uma pista, sequer.

Sentei-me na estrada à espera que passasse um carro que me levasse para diante. Tinha de obter informações acerca dos sabotadores.

E, enquanto esperava, fui jogando às cinco pedrinhas.

(continua a minha grande tragédia)



— Das duas, uma: ou o senhor é ventríloquo ou a sua bicha solitária sabe falar português!...

SUSPIROS CINICOS

por TRILHO Y BLANCO

Um professor de dança deve ter sempre presente aquela máxima de Helvécio: «Nada é impossível à educação; por ela, até os ursos se fazem dançar»!

Há uma espécie de mercado negro, legalizado: a venda do carvão.

Nunca leves uma rapariga excessivamente pintada, a uma tourada. Lembra-te de que os toiros não gostam de vermelho.

Quando ouço uma cantora a gargarejar um fado, assalta-me uma dúvida terrível: é ela que está doida, ou sou eu, para estar a ouvi-la?

Ha mais nobreza na face austera de um guarda republicano... do que nos aneis bronzeados que se exibem em certos dedos!

A mulher tem algo de gramofona — pelo muito que fala — e muito de papagaio — pela inconsciência do que diz.

A cobra tem a língua partida ao meio para ver se com esta duplicidade consegue suplantam a mulher.

A vida é uma corrida em que o que perde é o que chega primeiro à meta.

Congeminações de um filósofo que não ganha para comer: «Eu só abomino a electricidade... quando a minha mulher dá à luz!...»

O sorriso dos palhaços é uma facada de orelha a orelha. Eles aumentam a boca com a pintura; as mulheres diminuem-na...

Nos gémeos reside a maior das partidas que a Natureza pode pregar a um pai.

O primeiro trabalho de um poeta apaixonado é «encaixotar» a sua paixão num soneto ou numa quadra.

A educação é um verniz de baixa qualidade que estala com a maior das facilidades.

Um cobarde imagina o Napoleão empoleirado no alto de uma pirâmide, a berrar para a soldadesca: «Soldados! Do alto destas pirâmides, acho por bem lembrar-vos... de que na ponta dos pés é que se corre melhor!»

Eu só desculpo a antropofagia, numa determinada ocasião: quando tenho fome.



— Não se assuste, minha senhora. Eu passei pela Escola de Belas Artes!



— ...E esta, meu rapaz, é a tua nova mãe!

RISO AS FATIAS

por AMERICO J. GÍRIO

Se alguém lhe afirmar que a higiene não é necessária para o desenvolvimento do físico, pespegue-lhe com esta: realmente V. Ex.^a tem toda a razão... na porcaria criam-se os «grandes porcos».

Se tiver necessidade de telefonar dirija-se à cabine mais próxima, mas antes de introduzir a «croá» na caixa, verifique se o telefone está avariado.

Como!? Levante o auscultador, marque o número e pergunte: está?... Se lhe responderem — estou — não seja trouxa: meta os cinco tostões na algibeira e continue a conversa.

Está avariado, mas a «família» não sabe.

Só tolero meias de vidro em pernas que as dignifiquem. Caso contrário, meias opacas é o aconselhável.

Para «canivetes» basta o que trazemos na algibeira.

A planta do pé, é a única planta a que não acho planta nenhuma.

Esta à primeira vista parece estúpida mas não é.

Qual é a diferença que existe entre um touro e um pombo?

E' que sendo o touro uma besta não serve para distrair um pombo, mas um pombo sendo um animal inofensivo serve para distrair «bestinhas». Tá bem desarrincado ou não tá?

Cheguei à conclusão que ainda existem cá neste mundo, muitas coisas que não estão lá nada certas. Por exemplo: uma pessoa apanhar uma «grossura» com bebidas «finas».

Com frequência se ouve fazer esta afirmação: Fulano tem um joelho de água. Se me dão licença eu emendo: fulano tem água num joelho. Sim! Porque joelhos líquidos, nunca se poderiam aguentar nas pernas, não acham?

O único porveito que podemos tirar do casamento com uma côxa, é o de ela raramente se dispôr a sair conosco, porque se queixa que o sapato do lado da perna doente lhe pesa muito por causa da grossura da sola.

Aventura em Buenos Aires

Por EUGENIO HELTAI

EM rapaz fui sócio do «Clube dos Sem Casa», de Buenos Aires. Era um círculo divertido, onde habitualmente se reunia a sociedade mais cosmopolita da capital. As mesas de jogo eram sempre circundadas por banqueiros, ricos negociantes, jornalistas e outras pessoas de categoria.

Ali conheci três aristocratas; o presidente, o coronel e o professor, cuja amizade relembro com orgulho.

No clube, o «presidente» era assim chamado, embora não fôsse o presidente do clube. Era predidente... mas ninguém sabia de quê; assim como o coronel era coronel e andava sempre à paisana. Também o professor era professor, mas onde e de quê, ninguém lho perguntava.

Era uma bela noite de primavera — não me esquecerei mais daquela noite que era a de 31 de Março — o presidente, o coronel, o profesor e eu, sentámo-nos no terraço do Clube. Estávamos de bom humor. O coronel consultou o relógio e, vendo que estávamos sós, desatou a rir:

— Senhores, tenho uma ideia infernal. Dentro de uma hora será o primeiro de Abril: vamos pregar um susto ao «Clube dos Sem Casa»?

— A ideia é bellissima! — disse o presidente.

O professor consentiu com um gesto de cabeça.

— Do que se trata? — perguntei curioso.

O coronel ficou pensativo.

— Algum dos senhores tem um revólver?

Um velho e bom costume do Clube era o de revistar os sócios à entrada e confiscar-lhe tudo o que pudesse servir de arma, em caso de conflito. Exactamente por isso, a pergunta pareceu-me um pouco estranha. Quem poderia ter um revólver, quando, à entrada, se tinha de deixar nem que fôsse um canivete?!

— Eu — disse o presidente.

Também o professor disse:

— E eu também o tenho.

O coronel riu:

— Então, tudo está arranjado. Eu tenho dois!

Deu-me um dos revólveres e foi espiar à porta. Eram onze e meia, de modo que tivemos de esperar ainda. Na sala de jogo jogava-se ferverosamente. Passeamos por ali um pouco. Às onze e três quartos encontramos na sala de leitura, mal iluminada. O coronel deu a cada um de nós um capuz de seda preta e ordenou:

— Cubram-se!

Vi, então, que os capuzes eram semelhantes aos de certos romances de capa e espada. A brincadeira interessava-me de modo que não me admirei quando o coronel disse:

— Senhores, à meia-noite em ponto entraremos na sala de jogo e assaltaremos a banca.

O relógio começou a bater as 12 horas. De revólver em punho seguimos o coronel que, aberta a porta, gritou:

— Mãos ao alto!

Nunca vi uma situação mais diver-

tida. Os sócios ficaram petrificados. Tiveram de se voltar de costas e ficar de braços no ar. O coronel pegou numa cesta onde meteu todo o dinheiro. E num instante, ante a aflição daquela gente, os três homens mascarados, saíram fechando a porta pelo lado de fora.

Digo três homens mascarados porque quando eu quise sair, eles me deram um empurrão e fiquei na sala de jogo. Tive apenas tempo de tirar o capuz e escondê-lo a um canto e pôr-me, como os demais, de costas para a porta,

Quando a sala se iluminou todos estavam excitadíssimos. Telefonaram à polícia. Só então me ocorreu que a brincadeira tinha sido, realmente, exagerada.

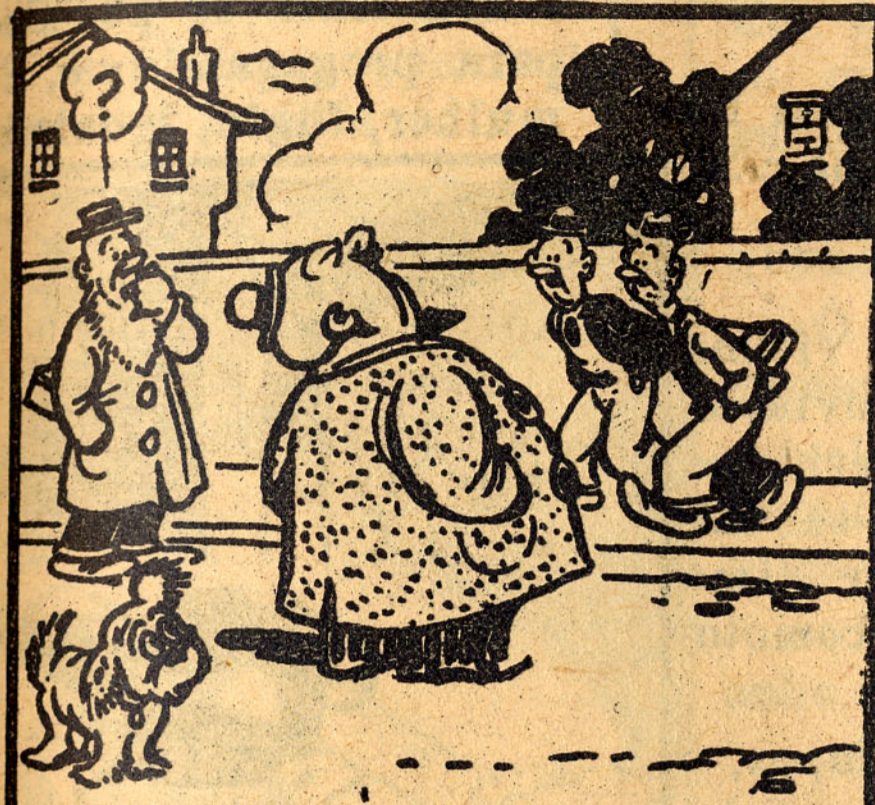
Ainda quise tranquilizar aquela gente dizendo-lhes que era o 1.º de Abril e que aquilo tinha sido uma brincadeira. As minhas palavras foram acolhidas com esperança. E, então, contei-lhes como se tinham passado as coisas!

Quando, oito meses depois, saí da prisão e voltei ao «Clube dos Sem Casa» os sócios receberam-me mal e o director pediu-me que não entrasse mais no clube.

Este gesto desgostou-me mas o que mais me dói é o não ter encontrado os meus caros amigos: o presidente, o coronel e o professor!

(da antologia dos grandes contos humorísticos)

Coisas da
Wenceslau



— Então, Heitor! Por causa de três tostões não vale a pena andares aí de gatas!

E' tudo publicidade

por ARCADIO AVERCHENKO



- Taxi?

«PROLIXIDADE»

Relatório do médico Agista:

A vítima do desastre apresenta diversas escoriações e fracturas: sofreu esmagamento do dedo mínimo do pé esquerdo, que requer uma pequena amputação e alguns curativos, não havendo perigo. Sofreu fractura exposta da canela direita, o que o obriga a encanar a perna, mas embora se trate de uma operação dolorosa, o perigo será nulo. Sofreu profundo ferimento por caco de vidro, na coxa esquerda, para o qual se impõe uma vacina antite-

tânica, sendo o ferimento horrível, mas de fácil curativo, não oferecendo gravidade. Sofreu arranhão na região lombar, mas de natureza leve e que mal atingiu os tecidos, bastando uma pincelada de iodo ou mercúrio-cromo. E finalmente, sofreu esmagamento total do crânio, com derramamento copioso da massa encefálica de natureza fatal.

Podem remover o corpo para o necrotério.

Príncipe Savil

«A LOUCURA DO MOMENTO»



BFG

ERA uma vez um actor. Todos os actores adoram a publicidade mas este era absolutamente incansável. Algumas vezes, sem qualquer razão, os jornais comunicavam:

Roubo de brilhantes no valor de 3 milhões, na casa do célebre actor N...

Ou ainda:

«O actor N. foi vítima dum desastre ferroviário. 145 mortos e 8 feridos. O actor N. salvou-se saltando, a tempo, por cima da chaminé da locomotora.

Nos primeiros tempos, o público, rompia em exclamações; entusiasmava-se, horrorizava-se. Mas, logo se foi acostumando àquela publicidade.

Por exemplo, comunicavam os diários:

«Ontem, a girafa que puxa o carro do actor N. desprendeu-se e o carro caiu por uma ribanceira. Mas já o actor N., sem perder a calma, havia dado um salto e agarrado aos fios do telégrafo. Quando se achou bem seguro aproveitou para comunicar para o nosso jornal as particularidades do sucesso».

E' possível que algum homem, desses que creem em tudo, corresse a desabaçar com um amigo:

— Já sabes? Ontem desprendeu-se a girafa do actor N. e ele viu-se obrigado a salvar-se correndo sobre os fios telegráficos.

— Contos! — diria o amigo em tom ceptico — O actor N. não possui nem um gato... quanto mais girafas! E, com uma obesidade como a sua não o posso imaginar galopando sobre os fios telegráficos.

— Mas, então, porque está escrito nos jornais?

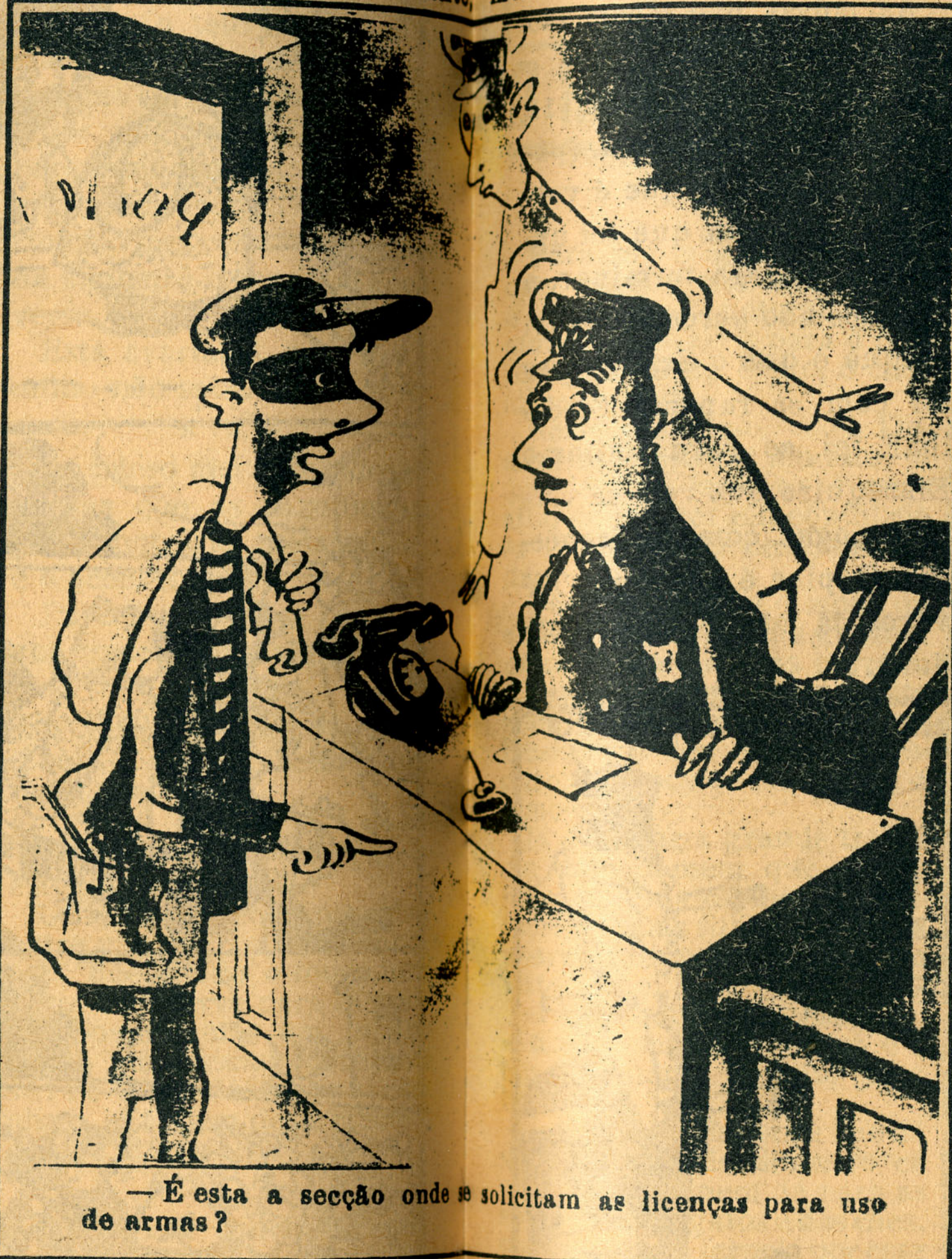
— Para propaganda.

— Que me dizes? Outro dia comunicaram-me que ele se tinha batido em duelo por causa duma senhora!

— Propaganda também. — Desculpa, mas que propaganda pode fazer se o outro o ia atravessando com uma estocada?

— Ele lá sabe. Também o seu filho se pôs doente para propaganda; e, a sua mulher, fugiu, igualmente,

para lhe fazer propaganda! Já não creio em nada! E' tudo unicamente propaganda. Tudo para fazer ruído. — Mas dizem que é de muito boa família...



— É esta a secção onde se solicitam as licenças para uso de armas?

PERSEGUIÇÃO

por PINTO SOARES

Três rapazes sentados numa esplanada.

Três raparigas loiras passam vagarosas, meneando provocadoramente as ancas.

Três cabeças se voltam.

Três olhares convergem e pincelam os corpos das «garotas» — e que garotas!

Três bocas se abrem, em sinal de estupefação.

Três corações vibram, batendo desastradamente.

Três corpos levantam-se da esplanada.

Três pares de pernas masculinas perseguem três pares de pernas femininas — e que pernas estas!

Três bocas voltam a abrir-se, para dirigir galanteios.

Três garotas mostram-se indiferentes.

Três vozes insistem.

Três meninas continuam caminhando, impassíveis.

Três rapazes teimam, expulsando madrigais.

Três moças parecem zangar-se.

Três pares de lábios abrem-se de novo, para deixar passar muita asneira...

Três garotas resmungam.

Três rapazes teimosos.

Três raparigas.

Três rapazes.

Três exclamações em unísono: — Parvos!

— Também a família a escolheu para propaganda; e a sua irmã casou-se com um conhecido engenheiro só para lhe fazer propaganda!...

Um dia, apareceu um pequeno aviso no jornal:

«O actor N. acha-se gravemente enfermo».

— Que propaganda se está organizando — disse o público.

— Mas, pode ser que se ache enfermo de veras.

— Ele? Certamente está preparando uma festa de homenagem! Está mais são do que nós.

Outro aviso:

«O estado do actor N. é desesperado. Encontra-se às portas da morte.

— Ah, ah, ah! — riu o público. — Que cabeça a deste homem! E' mais que certo que terá uma enchente na sua festa.

E, finalmente, publicou-se no jornal um anúncio circundado de negro: «Faleceu ontem o actor N. sem pronunciar uma palavra».

— Mas que «lata» tão genial — exclamava o público entusiasmado. — Vejam o que ele consegue inventar! «Sem pronunciar uma palavra...» Temos de arranjar bilhetes para a sua festa de homenagem.

Logo se seguiram os funerais. O actor estava estendido, severo no seu ataúde; atrás seguia o público sempre articulando:

— Ah, que impostor! Vejam o que ele havia de inventar! Que cérebro!

Mas, o público nunca mais viu a sua festa de homenagem porque o actor N. morrera de facto.

Todavia houve alguém, ainda, que afirmou que até a sua própria morte fora propaganda.



— Aqui não, Pepe. Tenho cá uma conta corrente!

EU CONHECI...

...um homem tão magrinho, tão magrinho, tão magrinho, que preciso escrever aqui a palavra «gordo» para ver se consigo disfarçar um pouco a magreza do desgraçado.

...uma rapariga tão leviana, tão leviana, tão leviana, que até fazia olhos bonitos aos cegos,

...um rapaz tão fraquinho, tão fraquinho, tão fraquinho, que bastava pensar numa folha de papel de fumar para se ir abaixo das pernas.

...um sujeito que crescia tanto de um dia para o outro tanto, tanto, que a família

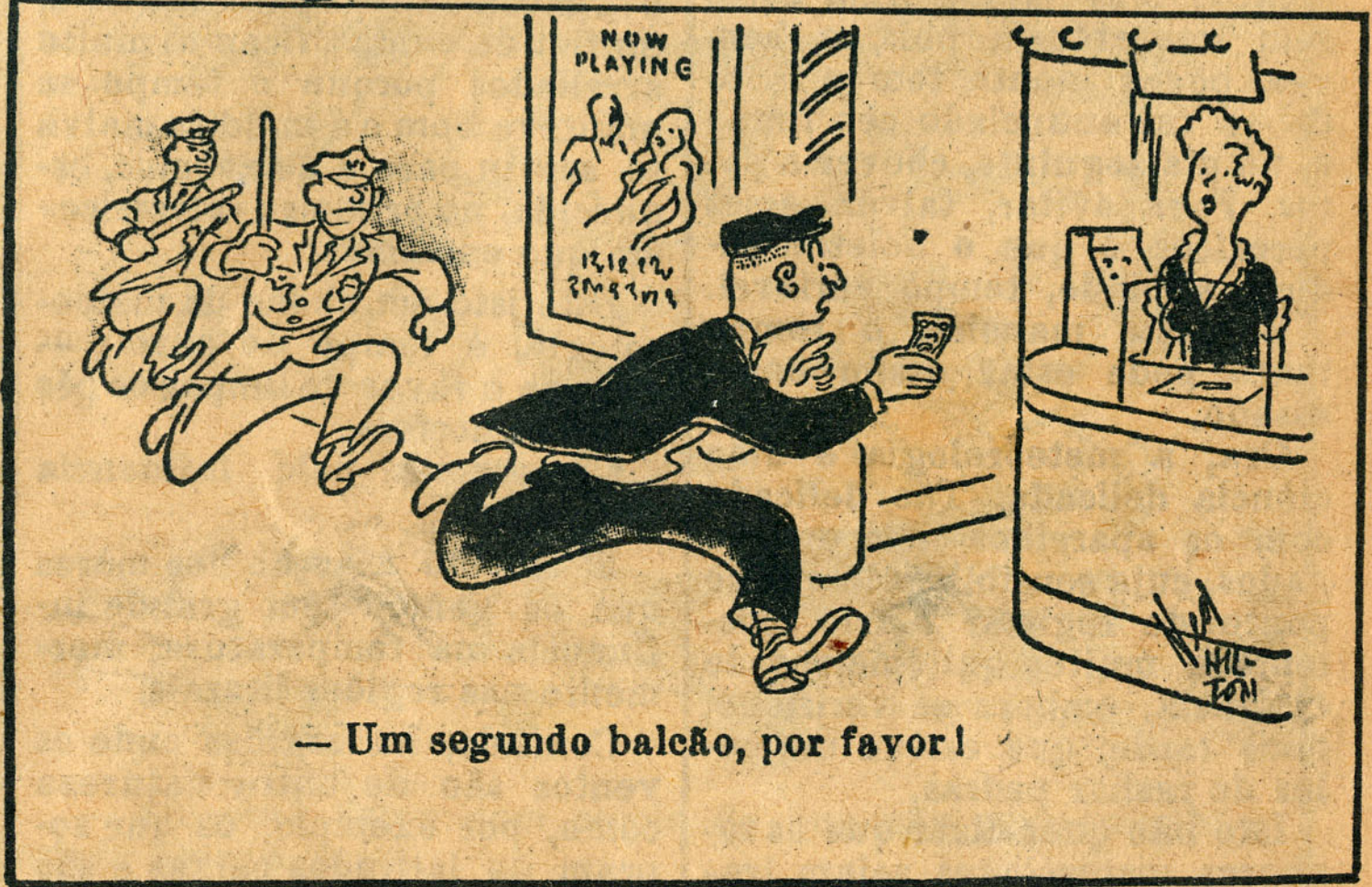
viu-se obrigada a pedir à «sopeira» que o passasse a ferro todos os dias.

...um senhor tão careca, tão careca, tão careca, que quando ia ao barbeiro o empregado tinha que lhe fazer o risco a escôpro e martelo.

...uma mulher tão gorda, tão gorda, tão gorda, que estes «tãos» todos dizem só respeito à gordura do dedo mínimo do pé direito.

...não, conheço uma pequena tão pequena, tão pequena... Oh, diabo! Aonde é que ela se meteu que já não a vejo...

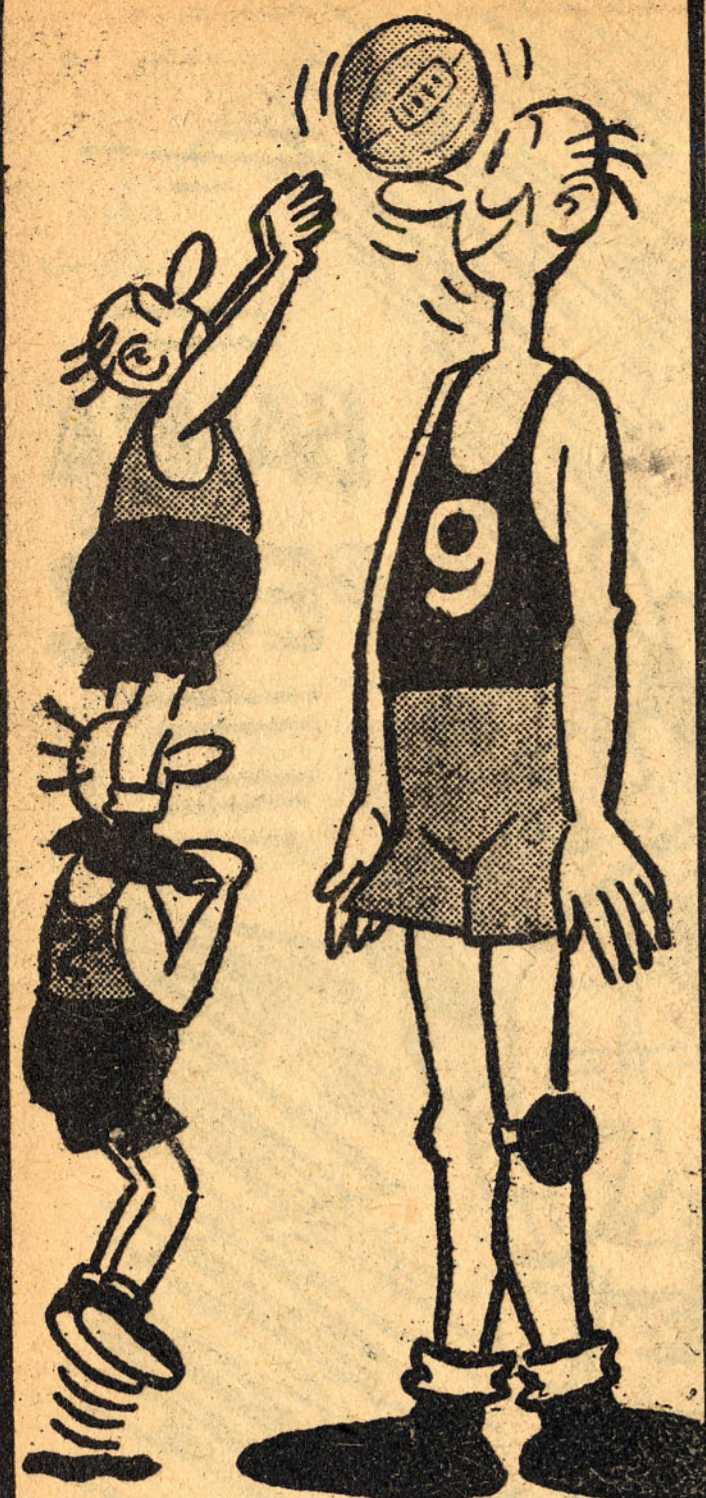
A. I. C.



— Um segundo balcão, por favor!

Os pasteis de Belém foram a Madrid!

Fala o CHICO DO APITO



Um momento de flagrante perspectiva no desafio de basquetebol realizado no domingo no Campo das Cebolas entre o grupo desportivo «Lá vai disto» e os «Calmiças Atlético Club».

Estou aqui a meter uma lança em Africa! Já viste bem, oh! tu que tens de humano o gesto de comprar o «Riso Mundial», quão difícil é falar duma coisa que se vai passar amanhã—domingo—quando isto só se vai ler na 3.^a-feira? Mas meteram-me o apito na boca e eu não tive mais remédio—apitei com quanta força tinha e seja o «Diabo» quizer!...

Não ha dúvida que o encontro entre a pastelada de Belem e a realeza madrilenha, foi o prato forte de domingo passado. E só quem nunca viu um desafio de bola na terra das castanholas e das matulonas que andam ai a ganir pelos «ca-

baretos», é que não imagina o que aquilo é.

Quando se mete uma brava bonita ou se uma jogada brava, os *nuestros hermanos* partem do principio que estão numa praça de touros e começam a acenar com os lenços como quem pede orelhas e rabo. Calculo, portanto, que tenham pedido o rabo do Sério 1.^o e as orelhas do Feliciano que é um rapaz que já esteve para ir para lá.

E quando eu soube que os «pasteis» iam jogar com o melhor do mundo... lá em Espanha, fiquei a tremer por causa do resultado e palpitou-me que os nossos perdiam por 13-5. Sabem porquê? Porque o Real Ma-

drid ganhou aos argentinos por 3-1. Ora nós perdemos 10-4 com os argentinos. Logo, $10 + 3 = 13$ e $4 + 1 = 5$...ou a lógica é uma batata!

As coisas não foram tão feias e ainda bem! Até o Capela, que engordou 12 quilos e cresceu 3 cm. (palavra de honra que é verdade...), jogou que foi um primor. E para terminar, o que nós não percebemos foi porque é que o Sr. Tavares foi com os rapazes. Se calhar foi só para imitar o Eizzaquire que veio cá ver-nos jogar com os franceses. O pior é que o Sr. Tavares já não é seleccionador...

As nossas aulas

OS MISTÉRIOS DA ATMOSFERA

HA quem considere a atmosfera um flagelo. Esta injusta apreciação deve ter nascido no dia em que os postos radiofónicos começaram a incluir nos seus programas o já célebre «boletim meteorológico», pelo qual os ouvintes ficam cientes do estado do tempo, não só local como das mais longínquas paragens.

Acontece, muitas vezes, que a informação referente ao dia seguinte sai um pouquinho errada. Mas isso é uma coisa sem importância pois, a bem ver, pouca monta tem o facto de se ter anunciado céu limpo e, no dia seguinte, chover a potes. Para evitar, talvez, esses percalços é que o boletim indica, a miude, tempo variável.

E, desta maneira, o tempo tanto pode estar assim como assado. Ora, a meteorologia é uma ciência delicada. Tão delicada como os aparelhos nela empregados, cuja sensibilidade vai ao ponto de registar o frio existente a muitos quilómetros de distância, embora se verifique, mais tarde, que esteve um calor de rachar pedras. Isto não quer dizer que os senhores meteorólogos sejam tra-

pazeiros. Nada disso. E' que a atmosfera encerra tantos e tantos mistérios que, com franqueza, não podemos nem devemos culpar seja quem for da fatibildade de uma ciência caprichosa até mais não.

Sejamos imparciais e punhamos o caso em nós. Quantas e quantas vezes, antes de sair de casa, vamos à janela ver os astros e convencemo-nos de que vai estar um dia de inverno rigoroso! Tratamos logo de levar o guarda-chuva para a rua e, no fim de contas, ficamos muito arreliados porque o tempo se manteve bom e a maldita malva só serviu para a deixarmos, esquecida, no primeiro «eléctrico» em que entramos.

Dito isto em abono da meteorologia, é tempo de entrar — roga-se o favor de limpar os pés — na atmosfera.

Começemos pela influencia dos ventos. E' devido à acção dos mares que os ventos têm grande influencia na temperatura, mormente nas regiões litorais. Contudo, ha regiões onde os ventos são de outra natureza como, por exemplo, os que sopram de latitudes baixas e são

quentes, e os que sopram de latitudes altas e são frios.

Ha-os também mornos e quase não chegam a soprar.

O vento chega a atingir velocidades excessivas, desobedecendo assim à lei do trânsito que obriga a andar devagar. Estão neste caso os ciclones, espécie de diabo à solta que tudo destrói e derruba sem auxilio de picareta ou camartelo.

Alem dos ciclones, temos as trombas, salvo seja. Porém, não nos devemos preocupar com elas afim de que a nossa lição seja o mais risonha possível.

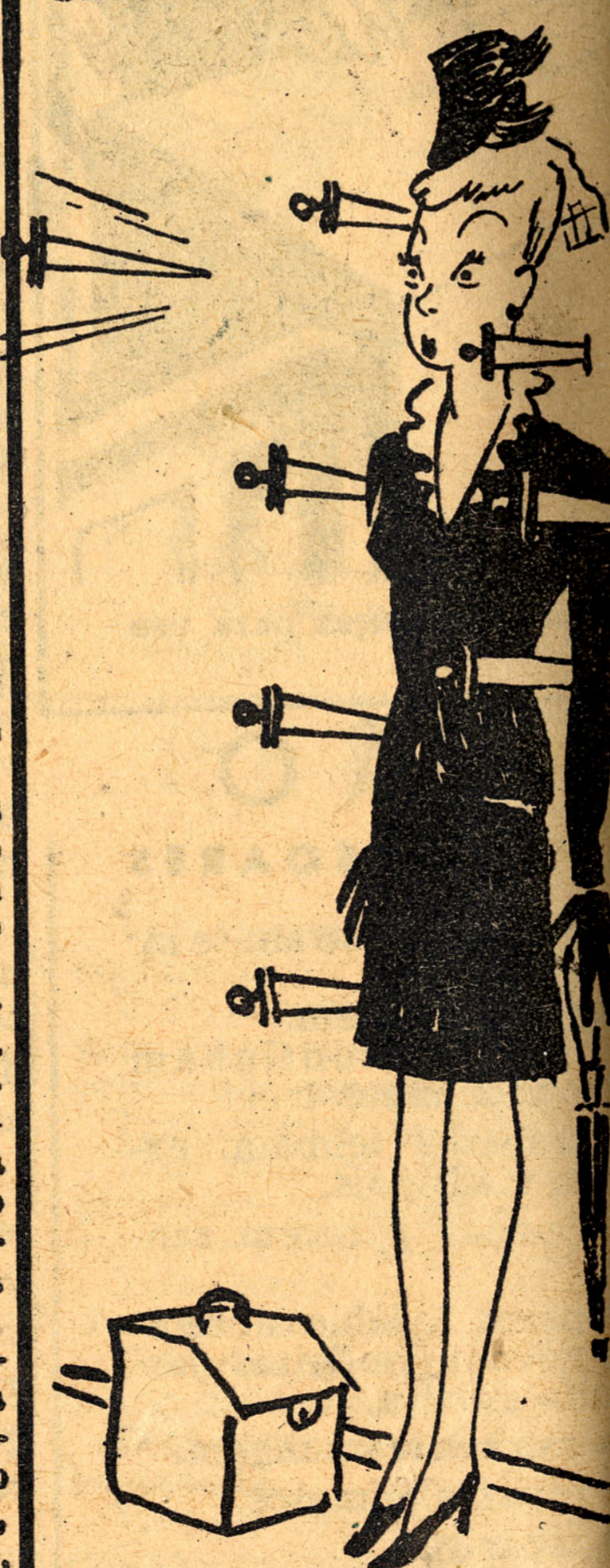
Depois, temos a pressão atmosférica que é sintetizada nesta conhecida frase: *andam os astros muito carregados.*

Nessa altura, uma pessoa mete-se em copas que é, como quem diz, mete-se em casa, fecha as portas de dentro e deixa passar o temporal.

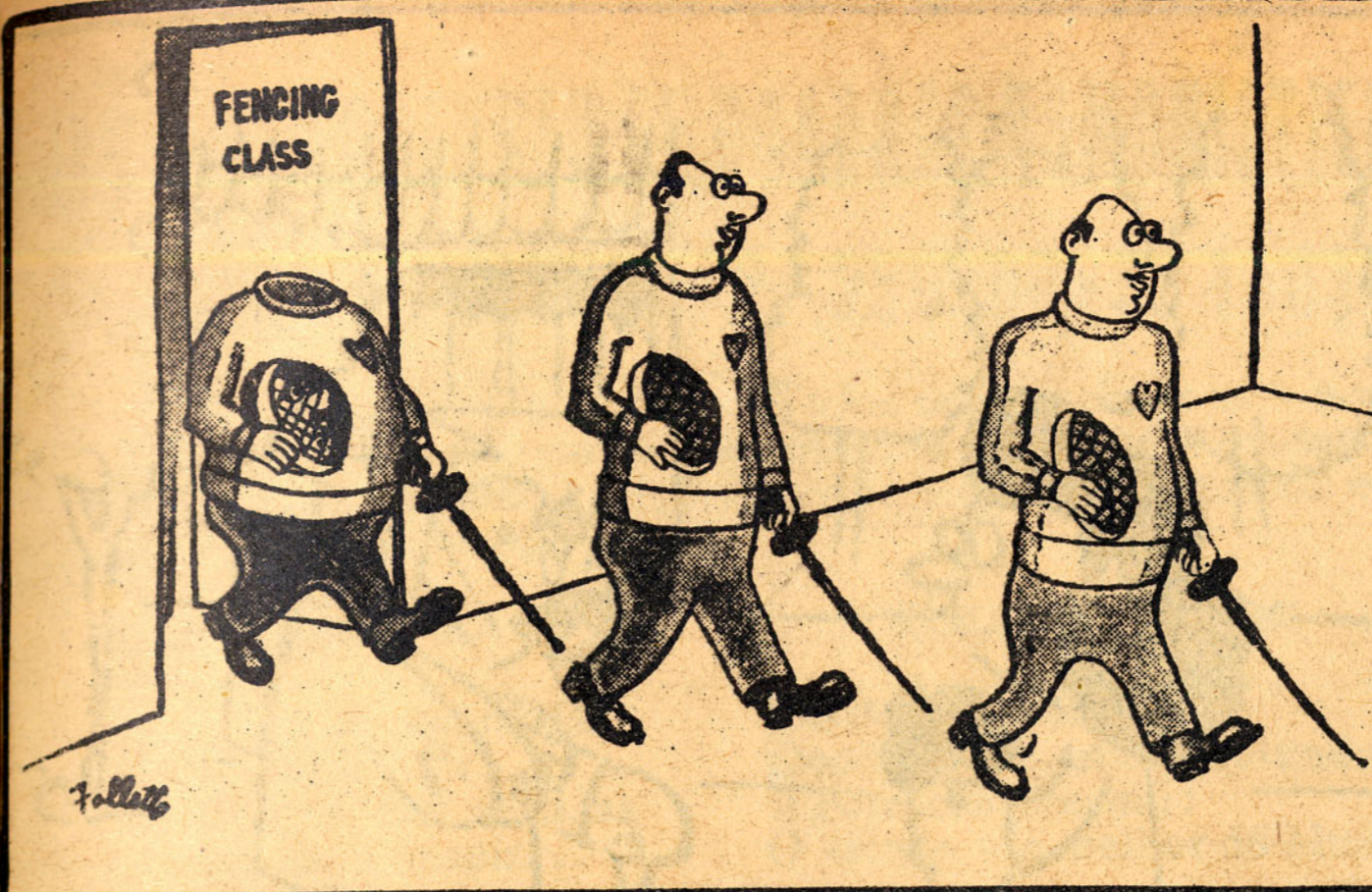
Para se fazer a previsão destes fenómenos, sobretudo, o da chuva, servimo-nos de um complicado objecto, ao qual, não sabemos por que carga de água, se deu o nome de barómetro, como se poderia ter dado a denominação de conta-gotas no caso da chuva ser miudinha.

(Continua na pág. 11)

UM MARIDO AMOROSO



— Podes crer, João, se saíste daqui com vida vou-me queixar à policia!



O HOMEM QUE ESTREOU UM FATO

Por SANTOS FERNANDO

Para muita gente pode ser que estreiar um fato seja a coisa mais natural deste mundo. Todavia, para o personagem deste conto, o caso foi mais lindo.

Nesse dia memoravel, Dezidério, ia estreiar um fato—o que já não fazia ha 4 anos afim de manter em equilibrio as finanças tão desequilibradas.

Quando chegou o moço da alfaiataria, com uma enorme caixa presa por uma correia, o nosso homem ficou muito contente. Mas, ao ver a conta, Dezidério, deu 3 soluços, espilrou, assoou-se e vomitou o almoço.

La começar a grande tragédia dum homem que estreia um fato. Sua mulher, os 3 filhos, as duas filhas e a sogra appareceram como se tivessem visto bicho.

— Mil e quinhentos escudos? — dizia a mulher — Issó é o teu ordenado liquido, meu pruto!

— O quê, então você que dá uma miséria de dinheiro cá em casa, que nem dá para as sopinhas dos gatos e dos cães, vai fazer uma farpela por esse preço!? — rugiu a sogra.

E o pobre homem, que percebera o alfaiate falar em quinhentos escudos, sua por todos os poros!

Atacam os filhos — O' papá, então e a minha rotineta?!... E a minha bola de futebol?!... E a minha espingarda?!

Seguem-se as filhas: — Lá se vai o casaco de pees por água abaixo!... Agora já não me compras os perfumes!... E as minhas meias de hidro!?

Enfim, um barulho dos deonônios. Só quando aquilo serenou se atreveu a ver-se ao espelho.

Foi a altura de a família oazer dar 60 piroetas.

— Volta-te lá!
— Os ombros estão muito levantados!
— Esta manga está torta!

— A calça está muito curta! E o Dezidério a dar voltas e reviravoltas. Finalmente encontrou-se na rua, feito num parafuso, ante a assistência de ciquenta e duas vizinhas.

Não se sentia nada bem. O fato parecia que não era seu e sentia-se dançar lá dentro.

A uma esquina deu de caras com o Lopes.

— Olha o Dezidério!... e de fato novo! Bravo!... o emprego vai bem, pelos vistos. Vamos lá molhar essa coisa!

Palmada daqui e dacolá o Dezidério já não tinha enchumaços no casaco. Beberam e saíram cada um para seu lado.

Eis que desaba uma chuva de picaretas. E' a altura de ele molhar o fato por uma vez. Corre para o «café» afim de se pôr a salvo.

Aí, dezenas de amigos (aqueles amigos que têm a paciência de esperar 20 anos até que estreemos uma farpela) cairam em cima dele, aos abraços, às festas, aos pontapés nas canelas, aos socos nas costas.

— Parabens, parabens! Vamos molhar isso!
E o infeliz do Dezidério, que de tanta molha quase que já tinha uma pneumonia, lá teve de molhar o fato novamente.

O' mundo da ironia! Então, um pobre homem que gasta um conto e quinhentos num fato ainda por cima é obrigado a despejar o fundo aos bolsos? E tanta gente a pensar que quando se estreia um fato é sinal de muito dinheiro! Como se enganam. E' sim, sinal, mas de que andava quase nu, ou de que nas nódoas já não havia mais fazenda, ou no fato já não existia mais espaço para buracos!

Em quinze minutos toda a cidade estava ao par de que o Dezidério estreara um fato. Quando chegou a casa levava-o feito ás tiras.

Ao outro dia, no emprego, o patrão chamou-o ao seu gabinete.

A Caricatura da Semana



Amália Rodrigues interpretada por Mário Norton.

Registro exclusivo do RISO MUNDIAL

Reprodução prohibida

— Senhor Dezidério. Dizem por ai que o senhor anda a esbanjar o dinheiro em paródias e em fatos de mil e quinhentos escudos! Visto que o senhor tem muito dinheiro, bai-

xar-lhe-ei o ordenado para oitocentos escudos!...

Dezidério só teve um pensamento. Tomou um carro e foi assassinar o alfaiate.

E, desde af nunca mais estreou fatos.



— Aniceto! Estou com receio de que não ouça amanhã o grito de bater à porta.
— Desc. nsa. Tu sabes bem que eu tenho o sono leve.

EFEMÉRIDES

Por LUIZ RODRIGUES

13 de Janeiro de 1580

É inventada a maneira mais prática de descascar batatas por intermédio do sistema facial.

15 de Maio de 1610

Com a presença das mais altas individualidades é inaugurada em Alcábaldeche a primeira «Retrete» com autoelismo.

22 de Março de 1615

Em Alcácer do Sal é descoberto um dedal que continha 5 litros de azeite... Já neste tempo se negociava no Mercado Negro.

21 de Setembro de 1622

A afamada cozinheira Gra-cinda Lólo autora do livro «As 100 maneiras de assar sardi-

nhas, carapau ou bife» acaba de descobrir que os nabos também servem para fazer sopa.

9 de Julho de 1631

Em Alguidares de Baixo um maneta descobre o papel higiênico. Até esta data toda a gente utilizava as folhas de Lixa n.º 2.

19 de Outubro de 1642

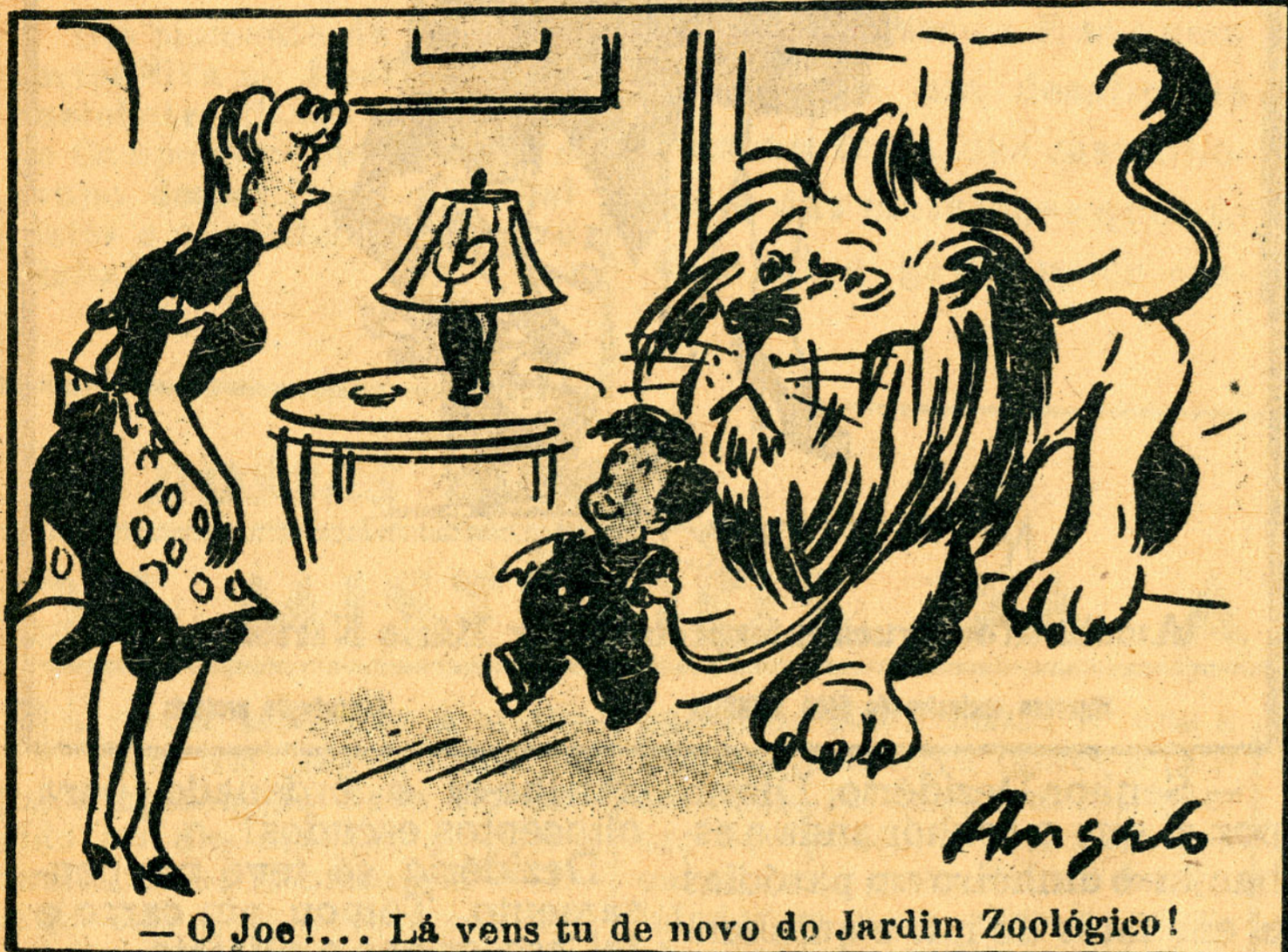
Em Freixo-de-Espada-a-Cinta nasce um menino, filho de pais icógnitos, que tinha a unha do dedo mindinho do pé esquerdo, encravada.

30 de Dezembro de 1655

Pela primeira vez, em Portugal, os caroços das azeitonas são aproveitados para a fabricação de botões para cuecas.



— Calcule que me apiei do «electrico» em movimento, sem pensar que nesta terra não haviam «electricos»!...



— O Joe!... Lá vens tu de novo do Jardim Zoológico!

RETALHOS... HISTÓRICOS

UM CONSELHO DE ZOLA

Emilio Zola gostava de referir este caso ao seus amigos: «Uma vez, num ônibus, ia entre os passageiros uma mulher denotando no seu rosto tanta dor que os seus companheiros de viagem consideraram humanitário perguntar-lhe o que lhe havia sucedido. A mulher começou a contar que tinha perdido dolorosamente o seu filho primogénito. O sentimento dos circunstâncias foi evidente. Logo a mãe referiu que tinha perdido também o seu segundo filho. E quando dava o detalhe da morte do terceiro, o interesse havia diminuído naqueles que a escutavam. Por fim, ao referir a morte do seu quarto filho, que havia sido devorado por um crocodilo, todos romperam a rir».

— Assim—aconselhava Zola — todos os escritores, espe-

cialmente os autores dramáticos, deveriam ter sempre presente a história da mulher do ônibus.

A IRONIA DE SHAW

Churchill convida Bernard Shaw segundo as complicadas normas da etiqueta inglesa: «Mister Winston Churchill estará em casa, terça-feira, às cinco».

Bernard Shaw responde: «Mister G. B. Shaw, também».

CÚMULO DA IMPARCIALIDADE

Quando Alexandre Magno ouvia as causas a julgar, tapava um dos ouvidos.

Perguntaram-lhe a razão porque fazia isso.

Ele respondeu, indicando a orelha tapada:

— Guardo este ouvido inteiro para escutar a parte contrária

AGUARELA SALOIA

Por HELENO

*Andam chapéus e boinas pelo ar,
Ceroulas, coequinhas e barretes,
Mãos postas na barriga, um pau a dar,
Ha dia d'arraial, ha canivetes...*

*Ha «ti Maneis» em vão a soluçar,
Marias que se afogam nos derretes,
Ha salas de balão para animar,
Cravinhos nas orelhas, ha foguetes...*

*Ha iscas e farturas, carrascão,
Barracas de riscado com sanfonas,
Ha peixinhos, peixões e carapaus;*

*Ao longe ha um moinho, um barracão,
Janelas enfeitadas, matulonas,
Ha «Chicos» a brincarem com seus paus!*



— Senhor Dr. Está lá fora um cavalheiro que acaba de descobrir uma formula em que se poderá fazer o pão com farinha!

GRANDE CONCURSO DE QUADRAS HUMORISTICAS

PREMIOS: 1.º 500\$00 - 2.º 250\$00 - 3.º 150\$00

E' concorrer, é concorrer... Todos os dias chegam à nossa redacção dezenas de cartas com quadras para este ultra-fantástico concurso. E' concorrer, leitor, que o praso está acabar e os prémios são tentadores!

QUADRA N.º 27

Saias curtas ou compridas
Não importa definir:
Sejam bem ou mal vestidas
Todas são para despir...

Sala-Mor

QUADRA N.º 28

Nasceu,
Berrou,
Sofreu,
Calou...

Tojalho

QUADRA N.º 29

Tu vês aquela dengosa
Que naquele passeio vai?
Coitada! E' tão vaidosa
E não sabe quem é o pai!

D. P. Q. Brado

QUADRA N.º 30

Desde que o Riso li,
Dediquei-lhe amor profundo,
Agora compreendi:
O «Riso» é o melhor do Mundo.

Eden

QUADRA N.º 31

Um dia o «Riso» comprei,
Gostei, tornei a comprar
E tanta graça lhe achei,
Que não o posso dispensar.

Eden

QUADRA N.º 32

A minha sogra coitada
Comprou o «Riso» afinal
Riu tanto a noite passada
Que morreu: não foi por mal!

Zeca

SENHA

Quadra
N.º

VOTO NA QUADRA N.º

NOME

LOCALIDADE

500

OS MISTÉRIOS DA ATMOSFERA

(Continuação de pág. 7)

As chuvas são provocadas pela condensação do vapor de água das nuvens. E, como é sabido, ha vapores que são dema-

siadamente condensados como, por exemplo, os de Cacilhas que andam sempre a abarrotar.

Ha várias espécies de chuva. De ouro, de picaretas, de chumbo derretido e, até, de disparates como a presente lição.

A acompanhar as chuvas, vêm as trovoadas com o seu desfile de raios e ribombos que deixam uma pessoa estarrecida.

Ha raios que são uma autentica calamidade, piores do que sogras. E ha trovões que são pálidos sons comparados com certos astros líricos que ouvimos pela T. S. F. em programas especiais.

Costuma-se tirar a temperatura ao tempo sem, contudo, ele estar doente. E' simplesmente por mera curiosidade e para dar trabalho aos tipógrafos que compõem o boletim inserto — e quantas vezes ineerto! — nos jornais.

Se tivéssemos tempo, ocupar-nos-lamos da neve, da saraiva, do orvalho, da geada, etc.

Mas o melhor é ficarmos por aqui.

JOSE MILIBAR

(do Observatório de Palo Pires)

A seguir:

NÃO É PROIBIDO ESCULPIR

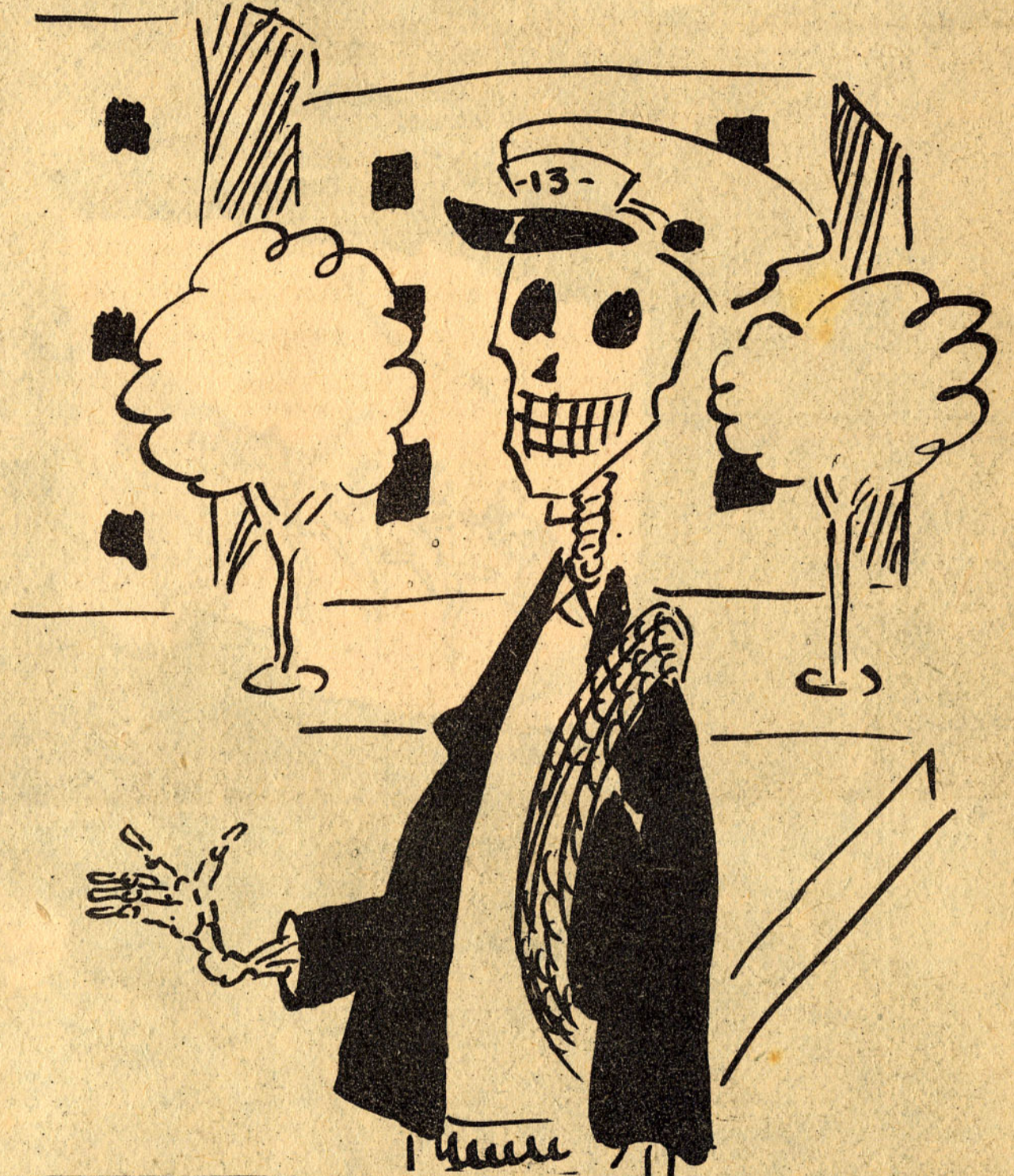
ESQUELETOS NO AR

ESQUELETO XIV

A corda não dá... e o chingulço não dança...
Quem é?

1.º Prémio: 1.000\$00 2.º Prémio: 750\$00
3.º Prémio: 500\$00

Brevemente mais sensacionais prémios
Brevemente: **CADERNETAS A' VENDA**



Aí vai a resposta

Príncipe Savil — «Duas reclamações»... não serão atendidas. Quanto ao outro original procure com uma lupa que o ha-de encontrar publicado neste número. Cumprimentos.

Celéstino d'Almeida — Os seus bonecos sofrem de anemia — mas duma anemia que com persistência da sua parte curará depressa; Continue a desenhar que nós cá estamos!

Andrade — O desenho que nos envia além de não ser humorístico vem feitoa lápis. No entanto, por ele, vê-se que você desenha bem. Agora só falta graça e tinta... da China!

José Luiz — Tavira — Estou farto de dizer que a prosa nunca deve ultrapassar de página e meia dactilografada a dois espaços. O meu amigo envia-nos um conto tão grande... tão grande... tão grande... que de ser tão grande nem cabe no cesto!

Joaquim de Sá Dias — «Sonata em... sol!» é uma sonota que quase nos deu sono. Os versos não têm graça. Não desanime e continue. Cumprimentos e Saramago.

João Paulo — Com uns treinosinhos o meu amigo ainda será um bellissimo desenhador. E' fazer e não desanimar. Saude e bichas.

Direcção (Interino) e Proprietário:
JERÓNIMO PENTEUS DE SOUSA
Editor (Interino): **J. A. ROUSSADO PINTO**
Redactor principal: **FERNANDO DOS SANTOS (S. F.)**

